

DOLBY DIGITAL & DTS ES DIGITAL SURROUND SOUND

SIGNATURE SELECTION

A RIDLEY SCOTT FILM
RUSSELL CROWE
GLADIATOR

Ridley Scott

★★★★★
- Andrew Johnston, US WEEKLY

"DAZZLING! SPECTACULAR!"
- David Ansen, NEWSWEEK

DVD VIDEO

DREAMWORKS HOME ENTERTAINMENT

W I D E S C R E E N
Versão especial de «Gladiator» com som DTS ES: arrasador

Grandes audiófilos

O gladiador

O Rui é um lutador. Nunca desiste, mesmo quando o mundo parece ruir à sua volta. Acredita na família, na amizade e na fé inabalável de que o Graal Sónico existe e pode ser alcançado por todos. Atíngi-lo é um processo dialéctico, feito de avanços e recuos: é preciso ter calma e não dar o corpo pela alma

TEXTO DE JOSÉ VICTOR HENRIQUES

Foi por três vezes campeão nacional de culturismo: esculptor de si próprio, imortalizou em fotografias que guarda como recordação cada músculo do seu corpo, deixando o espírito ao cuidado da música reproduzida no limite da perfeição: «A alta-fidelidade é um bom tónico para a alma», afirma convicto. O corpo continua sólido e desenhado a lápis afiado, enquanto a alma se divide hoje entre som e imagem, ou melhor, o som das imagens.

Para ouvir música prefere os dois canais estéreo. Mas considera o cinema em casa com som surround DTS 6.1 aluci-

nante. Detesta discos áudio com som DTS: aquela ideia peregrina de colocarem o baterista à frente e o pianista atrás deixa-o incomodado. Quando ouve música séria, preocupa-se com os timbres, com a coerência, a focagem e verosimilhança do palco sonoro, enfim coisas próprias de audiófilos.

Com o vídeo é diferente: o cinema é fantasia, o som surround não passa da extensão acústica dessa fantasia visual. Não é por acaso que os filmes de acção e de ficção são os mais procurados pelos amantes do «digital surround 5.1». O drama introspectivo ou com muitos diálogos não precisa de pirotecnia acústica, porque

obriga a pensar.

O áudio exige equipamento de melhor qualidade, porque no vídeo a imagem rouba toda a atenção, e o som limita-se assim a ilustrar a traço grosso o que se passa à nossa frente – ou, no caso vertente, à nossa volta. É um jogo no qual entra com gosto e paixão:

«Sou um fanático do DVD como já era do Laserdisc. Tenho centenas de discos. As minhas últimas aquisições foram os DVD de «Gladiator», com som DTS ES (Região 1); «Perfect Storm» e «Toy Story II», também com som DTS, e «Mission Impossible II», em Dolby Digital EX, que utilizo nas demonstrações», e mostra-me a capa de «Gladiator» que aqui se reproduz.

A audiofilia é para ele um ritual secreto que partilha apenas com os iniciados, os que entendem dessas coisas e falam a mesma linguagem estranha e cifrada para um leigo:

«Tenho umas Extrema alimentadas por um amplificador Sony, numa sala exclusiva», e gaba a excelência do som utilizando muitos dos termos com que habitualmente descrevo as minhas experiências acústicas. É bom saber que dei aos meus leitores a possibilidade de poder nomear

o que antes só podiam sentir e calar.

Já o vídeo é encarado pelo Rui como a festa da família e dos amigos:

«Com menos dinheiro obtêm-se resultados imediatos. E óbvios para toda a gente, pois o som surround salta à vista, não é?...», brinca o Rui, cujo apelido é a única contradição que lhe conheço: chama-se Calado e adora falar.

Começou com um amplificador Akai A20 oferecido pelo pai e transformou-se depois num «playboy» audiófilo. Privou com os melhores equipamentos de som do mundo: Krell, Jeff Rowland, Wilson, Martin-Logan, Sonus Faber, Mark Levinson, Cello, tendo conhecido pessoalmente Mark Levinson, the man himself. Enfim, o jet-set de que se alimenta ainda hoje a imprensa especializada passou-lhe pelas mãos e pelos ouvidos. E pelos olhos, pois lia compulsivamente tudo o que tivesse hi-fi escrito na capa. Antes tinha sido músico nas horas vagas tocando música da pesada nos intervalos dos pesos – ainda tem lá por casa arrumada a sua Fender. E os pesos.

Importou discos raros, equipamentos sofisticados; foi a todos os concertos; ouviu tudo o que havia para ouvir: das válvulas aos transístores, das electrostáticas aos «ribbons»; discutiu durante horas a fio com outros carolas, tão obcecados quanto ele, sobre as virtudes e os defeitos de amplificadores e colunas de som (creio que foi numa destas tertúlias que o conheci, talvez porque partilhávamos então o mesmo gosto pelas colunas Sonus Faber Extrema); visitou feiras e hifishows, qual peregrino, foi à CES de Las Vegas, com a fé inabalável de quem vai à Meca do som em busca da imagem de Deus.

Erros seus, má fortuna, amor ardente, teve ainda tempo de se deixar envolver numa aventura audiófila megalómana que acabou no inferno, que está cheio de outras ideias igualmente boas, com um estrondo só possível de reproduzir por um subwoofer. Subiu tão alto no reino do som que a queda no solo duro do país real foi dolorosa. Mas o Rui é como o gladiador interpretado por Russell Crowe: levanta-se sempre e vai à luta para vencer.

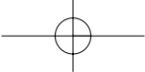
Hoje trabalha numa loja de hi-fi sem pretensões high-end, daquelas que vendem o que o povo compra porque acredita nas escrituras, leia-se revistas. Qual sacerdote desterrado para uma paróquia pobre, depois de ter privado com o Papa em Roma, continua a espalhar a sua fé e a(s) boa(s) nova(s) com a alegria do primeiro dia. E é feliz.

O Rui é um daqueles audiófilos abençoados que, tendo bebido do cálice sagrado do som destinado aos eleitos, tem a humildade de encontrar mesmo nas coisas banais e terrenas as virtudes que sabe depois apontar aos que buscam os seus sábios conselhos. Foi o que eu fiz.

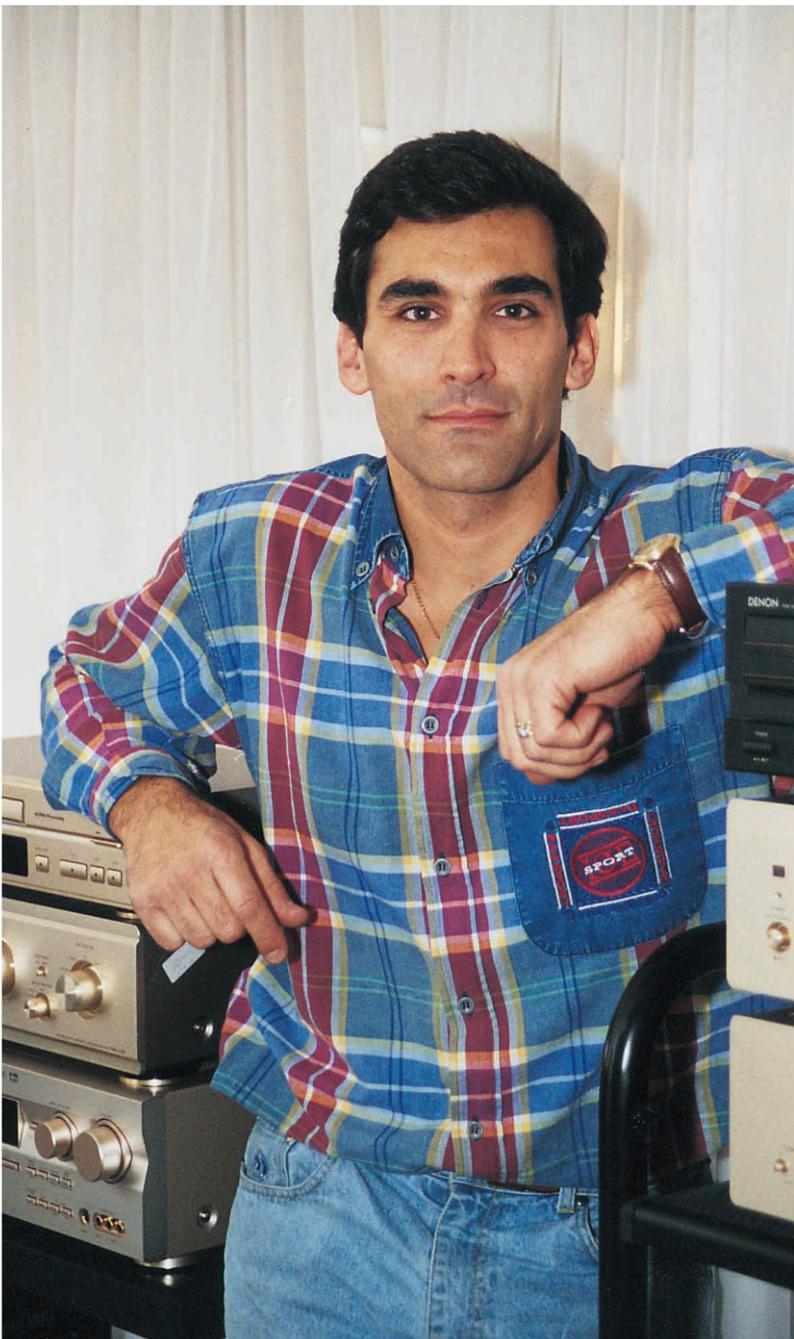
O preço do pão

Estou na situação caricata do político que, depois de anos sentado à mesa do orçamento onde a comida de qualidade abunda no estômago sem doer no bolso, já não sabe o preço da carcaça e do bilhete de metro. Este ano, por exemplo, de cerca de cinquenta produtos analisados no DNA, só cerca de meia dúzia andava na casa dos cem contos. Recordo aqui os sistemas Yamaha PianoCraft e Teac, o amplificador integrado Audio Analogue Puccini, e pouco mais.

Assim, quando se aproxima o Natal e os leitores ansiosos por arejar o magro subsídio me enviam e-mails com listas enormes e orçamentos reduzidos pedindo



O Rui é um daqueles audiófilos abençoados que, tendo bebido do cálice sagrado do som destinado aos eleitos, tem a humildade de encontrar mesmo nas coisas banais e terrenas as virtudes que sabe depois apontar aos que buscam os seus sábios conselhos



Rui Calado, o som como a democracia quer-se musculado

um conselho, sinto que eu próprio preciso de me aconselhar junto de quem vive o seu dia-a-dia no meio da electrónica de consumo, no sentido literal do termo.

Quando cheguei à loja onde o Rui exerce o seu ministério, encontrei o Pedro Videira, outro grande audiófilo de raiz esotérica convertido ao AV. Desafiei-o a dar a cara e a mostrar aos leitores do DNA o seu sumptuoso sistema AV com base em colunas e amplificação Cello. A conversa foi cair inevitavelmente sobre a performance assombrosa do subwoofer da Krell (8.000 contos!) e da espectacular prestação das colunas Wilson Audio System 6 (5.000 contos), na última edi-

ção do Audioshow de Lisboa, enquanto o Rui atendia um pai aflito que queria comprar uma aparelhazinha para a filha que era boa estudante: «uma coisita para aí até aos 150 contos»; e um indivíduo de rabo-de-cavalo e brinco na orelha espetava o nariz nos aparelhos expostos à procura dos preços porque, confessou com altivez, tinha cem contos para gastar. Tudo na vida é relativo.

Sangue na arena

Televisor e leitor-DVD Loewe «multizona-do», amplificação Yamaha DSP A2, colunas Tannoy, central Yamaha NSC 105 e subwoofer ESW90. DVD de «Gladiator»

com som DTS. Cena: o combate mortal entre os «bárbaros» e os «soldados» de Cipião, o Africano, na arena digital do Coliseu de Roma. O tropel dos cavalos puxando as quadrigas carregadas de morte, o silvo arrepiante das flechas antes de penetrarem a carne, gritos de dor, cabeças cortadas, lanças afiadas, espadas assanhadas abatendo-se sobre um telhado de escudos, a multidão ululante pedindo mais sangue, o silêncio insuportável da morte, o aplauso estrondoso da vida poupada por um simples polegar ao alto. Tudo o que o povo sempre quis: pão e circo. ■

jvhsom@mail.telepac.pt

As escolhas do Rui

«O áudio puro e duro está a morrer, hé-las, vive agora no limbo dos fanáticos – uma imensa minoria felizmente, por enquanto...», ressalva de imediato com um gesto cúmplice, quase pedindo desculpa pela heresia.

«O que se vende hoje é para aplicações AV (audiovisuais). O som sem bonecos é para os contemplativos, dizem. A maior parte da malta está satisfeita com o som do MP3 e ouve música à borla através das colunas do computador, enquanto surfa na internet. Aqui há uns anos só de pensar nisso ficava com urticária. Mas também não havia MP3...», justifica-se.

«Os sistemas mini e midi ainda vão saindo bem. O Yamaha PianoCraft, por exemplo, é um mimo: custa apenas 112 contos. As colunas são tão boas que tenho vendido alguns pares em separado (36 contos). Quem quiser um pouco mais de estaleca, pode juntar-lhes um subwoofer Yamaha ESW90 (45 contos) e fica com um som que não dá para acreditar. Não é preciso ser rico para ter bom som», garante disposto a demonstrar o que afirma.

«Hoje vendo mais leitores-DVD que leitores-CD: Denon, Sony, Yamaha, etc. O Denon 1000, por exemplo, custa só 126 contos. É «Região 2», mas pode dar-se um jeito... Aliás, o DVD da Denca (made in China com peças de modelos japoneses que são lá montados) é multizona e toca CD e CD-ROM com ficheiros MP3 (95 contos), e são importados legalmente, portanto...», revela com a candura que o caracteriza.

«Vendo oito ou mais amplificadores AV por cada dois amplificadores estéreo. O 396 da Yamaha com cinco canais descodifica Dolby Digital 5.1 por apenas 71 contos. Mais vinte contos e já pode ter um descodificador DTS (Yamaha 496). Depois, vêm as bombas: o Denon AVC A1 D SE com DTS ES (788 contos) e sete canais discretos de amplificação. Mas o Denon AVR 3801, também com DTS, custa só 250 contos e faz quase o mesmo. Quanto a colunas, um conjunto de qualidade da Tannoy ou da KEF pode custar entre 200 e 500 contos, enquanto o kit Yamaha NSP300, que já inclui subwoofer, fica por uns acessíveis 53 contos. Vendem-se como pastéis de nata. E a coluna central Yamaha NSC 105 (16 contos) bate-se com «centrais» de 100 contos. Não esquecer que 80% do som de um DVD sai pela central. Ora ouve lá isto...». Tinha chegado a altura da prova dos nove. ■

